

Ações educativas, políticas e culturais da intelectualidade plataformizada

Uma análise ecossocialista e antirracista dos canais Tese Onze e Tempero Drag no YouTube¹

Educational, Political, and Cultural Actions of Platformized Intellectuals

An Ecosocialist and Anti-Racist Analysis of the YouTube Channels Tese Onze and Tempero Drag

Letycia Gomes Nascimento²

Centro Universitário La Salle Rio de Janeiro, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Pablo Nabarrete Bastos³

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo

Este artigo reflete sobre a formação político-educativa nos canais no Youtube Tese Onze e Tempero Drag a fim de perceber os caminhos reflexivos percorridos por ambos os agentes de comunicação. O entrelaçamento teórico entre Paulo Freire e Antonio Gramsci quanto à educação e o modelo de ensino sociocultural são base fundamental para esta produção. A partir de Análise de Conteúdo sobre o recorte antirracista e ecossocialista na produção de 2019 a 2022 de ambos os canais (25 vídeos no total), constatamos que sua comunicação aponta para uma formação educativa libertária

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)-Código de Financiamento 001.

² As contribuições da autora dizem respeito à elaboração do tema e das ideias condutoras deste trabalho, que partem das reflexões iniciais de sua tese de doutorado.

³ A contribuição do autor diz respeito à revisão teórica do conteúdo deste artigo, bem como a complementação das reflexões quanto a plataformização, algoritmos e engajamento, temas centrais em suas pesquisas.

possível, ainda que encontrem limitações junto às políticas de plataformização e dataficação das redes. Não obstante, contribuem para a construção de uma hegemonia popular através de uma intelectualidade plataformizada.

Palavras-chave: Intelectualidade plataformizada, Plataformização. Youtube. Disputa de hegemonia.

Abstract

This article reflects on the educational political formation on the YouTube channels Tese Onze and Tempero Drag in order to understand the reflexive paths taken by both communication agents. The theoretical interweaving between Paulo Freire and Antonio Gramsci regarding education, and the sociocultural teaching model are the fundamental basis for this production. We then used Content Analysis (Lycarião and Sampaio, 2021) on the anti-racist and ecosocialist approach in the production between 2019 and 2022 on both channels (25 in total) in order to find that their communication points to a possible libertarian educational formation, even though they find limitations with the platformization and datafication policies of the networks. Nevertheless, they contribute to the construction of a popular hegemony through a platformized intellectuality.

Keywords: Platform-based intellectuality. Platformization. Youtube. Dispute for hegemony.

Introdução

A reflexão quanto à constituição da educação como dimensão fundamental dos processos políticos e sociais não é novidade junto aos sistemas de comunicação, como confirmam as vastas experiências pedagógicas em televisão, rádio e na web 2.0. Gerações cresceram sendo audiência de programas como o Brasil Escola, o Telecurso Brasil, e bem antes disso, da programação educativa no início do rádio brasileiro, com a Rádio Roquette Pinto, por exemplo. Cientes do potencial da comunicação para a educação, refletiremos sobre a educação emancipatória, tal qual Freire (2020) a constitui, dentro dos espaços do Youtube – a partir de base teórica elaborada por pesquisadores como Burgess e Green (2009 e 2018), Junges e Gatti (2019), Moliterno (2017), Sammur, Cortez e Paganotti (2022), entre outros. Diante disso, estendemos nossas reflexões para a formação de uma educação emancipatória entrelaçada com o que Nascimento (2025) nomeia como intelectualidade plataformizada, as novas expressões de uma intelectualidade orgânica, como propôs Gramsci (1999), apropriada da literacia na criação de conteúdo digital. É nosso propósito também discutir quais barreiras são encontradas pelo sistema de plataformização da rede, bem como as implicações do algoritmo na

difusão do discurso político progressista, diante do modelo de negócio das Big Techs.

A preocupação de Gramsci com a função dos intelectuais parte da compreensão de seu relevante papel na sociedade moderna, conforme o desenvolvimento do Estado, articulando sociedade política e sociedade civil. A ampliação do Estado ocorre em processo histórico de incorporação das funções de direção e dos aparelhos de hegemonia que desempenham essas funções. A percepção das funções de direção incorporadas ao Estado posicionam a questão dos intelectuais no primeiro plano do pensamento gramsciano, uma vez que são os agentes centrais das funções de domínio (sociedade política) e de direção (sociedade civil) (Bastos, 2022a). Gramsci (1999) atesta que os intelectuais orgânicos são criados em todas as esferas da sociedade, como parte essencial do desenvolvimento social, processo que lhes concede homogeneidade e consciência de sua função no campo econômico, social e político. Para o filósofo sardo, a formação de novos intelectuais orgânicos, oriundos das camadas populares, é prática central na luta pela hegemonia política, pela conquista do dirigismo político-ideológico, para a transformação histórica e constituição de um novo bloco de poder. Compreendemos que alguns criadores de conteúdo digital exercem a função de intelectuais plataformizados (Nascimento, 2025), pois são vozes que articulam visões de mundo, refletem e potencializam as lutas sociais e políticas da contemporaneidade no ciberespaço. Por isso a nossa motivação em estudar criadores de conteúdo do campo progressista que se destacam por sua visibilidade, pela estética de suas produções e profundidade de suas formulações teóricas.

Um dos aspectos levantados por Ortiz (2022) para cotejar influenciadores digitais e os intelectuais está no caráter fragmentário dos primeiros em relação à dimensão de totalidade dos segundos. Influenciadores estariam circunscritos a segmentos da vida social, como humor, religião, música, esporte etc. Além disso, há especificidades quanto ao suporte técnico de sua discursividade (as plataformas) e ao enredamento entre a utilidade de seu conteúdo e a sua audiência segmentada, que qualifica e mensura o *status* do influenciador conforme as métricas da performance do influenciador. O sociólogo brasileiro traz à tona outra categoria para desenvolver seu argumento, a de mediador simbólico, trazendo como referência o papel desempenhado por diferentes veículos midiáticos. Ortiz utiliza como exemplo desta categoria os difusores de ciência, no papel de popularizar o discurso científico. Conforme o autor, pelo próprio caráter da audiência segmentada das plataformas digitais, os influenciadores também formulam seus conteúdos para se adequar ao perfil mercadológico desta audiência. Os resultados de nossa pesquisa nos mostram que estes criadores de conteúdo estão posicionados no meio do caminho entre os mediadores culturais e os influenciadores digitais, estão sujeitos ao caráter fragmentário e às métricas das plataformas para mensurar e qualificar seu trabalho como influenciadores de um determinado público, mas possuem destaque na

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v26.ed59.2026.335>

elaboração de conceitos e na organização de sectários.

O modelo de educação defendido por Freire (2020) é o sociocultural, baseado nas experiências ligadas ao cotidiano dos sujeitos e suas interações com o mundo, tendo como ponto central suas próprias experiências e a subjetividade de seus olhares para com o todo social. Os sujeitos, por sua vez, são formados para a reflexão crítica, sob um ensino de bases justificadas e fundamentadas, a partir de uma prática que não só aceita questionamentos sob a ótica da razão como também a estimula. “Segundo esta abordagem, não existem senão homens concretos, situados no tempo e no espaço, inseridos num contexto sócio-econômico-cultural-político, enfim, num contexto histórico” (Mizukami, 1986, p. 86). E este contexto complexo precisa ser o norte de qualquer prática educacional.

A educação para Freire (2020) não deve se estabelecer apenas por um caminho sociocultural, mas carece de uma construção humanística, fundamentada no diálogo. O humanismo científico e radical freireano implica ação transformadora contínua das estruturas em que os sujeitos se encontram “coisificados” (Freire, 1977, p. 74). No mesmo caminho segue Gramsci (1982, p. 118), pois para o filósofo sardo a solução – para todos os problemas de classe que circundavam a Itália – estava na racionalidade humanista: “a crise terá uma solução que, racionalmente, deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre equanimente o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente industrial) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual”.

Gramsci (1966, p. 37) entende que toda relação de hegemonia é uma relação pedagógica. A significação histórica de um filósofo individual vai se dar pela “relação ativa entre ele e o ambiente cultural que ele quer modificar, ambiente que reage sobre o filósofo e – obrigando-o a uma permanente autocrítica – funciona como “professor””. Na perspectiva dialógica freireana, todos somos sujeitos cognoscentes, mediados pelo mundo, pelas estruturas, relações sociais, com capacidade para pronunciar e transformar o mundo. Ao reconhecer que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, percebemos a circularidade entre realidade e pensamento-linguagem, em movimento dialético e dialógico que, ato contínuo, pode transformar o mundo (Bastos, 2018). Para o educador brasileiro, “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (Freire, 1977, p. 69). O diálogo é essa “relação epistemológica” em que o objeto do conhecimento vincula os sujeitos cognitivos levando-os a refletir conjuntamente (Shor; Freire, 1986, p. 65).

Ainda que haja diferenças significativas no acesso aos recursos digitais, o Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI), do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), tem encontrado acessos cada vez mais significativos em toda a população. O relatório de 2024 aponta que 96% dos brasileiros acessam a internet todos os dias, inclusive 81% dos brasileiros analfabetos mantêm conexão diária. Porcentagem que se repete (81%) ao observarmos o uso diário das redes sociais. “Entre os usuários de Internet de 10 a 15 anos, 88% realizaram atividades ou pesquisas escolares e 65% estudaram pela Internet por conta própria, enquanto 34% dos usuários de 16 a 24 anos buscaram informações sobre cursos de graduação, pós-graduação ou de extensão e 27% fizeram cursos a distância” (CGI, 2024, p. 22).

O acesso às Tecnologias Digitais e o desenvolvimento contínuo da Web e das experiências sociais colocam o Youtube como parte fundamental do cotidiano de muitos indivíduos localizados ou não nos centros urbanos. E se esse é um modelo de acesso em crescimento exponencial, suas implicações à educação e à formação sociopolítica dos indivíduos também deve ser levado em consideração, uma vez que os eventos não são isolados entre si.

Além da pesquisa bibliográfica, nosso percurso metodológico parte de seleção de vídeos⁴ dentro da temática racial e de meio ambiente dos youtubers e intelectuais plataformizados Sabrina Fernandes e Guilherme Terreri. Acreditamos ser fundamental destacar que Sabrina e Guilherme não foram selecionados fortuitamente, mas a partir de suas histórias e relacionamento com o saber. Sabrina Fernandes é economista e pós-doutora no tema de autoritarismo e contraestratégias pela Universidade de Brasília (UnB) e pela Fundação Rosa Luxemburgo; Guilherme Terreri é bacharel em Artes Cênicas e mestre em Estudos da Cultura e especialista em literatura inglesa pela Universidade de São Paulo (USP). Ambos são intelectuais que atravessam e são atravessados por uma ampla gama de temas progressistas, com públicos majoritariamente ligados a suas pautas, como ao movimento LGBTQIAP+, o anticapitalismo e a luta socioambiental. A fim de comprovar nossa hipótese, o levantamento inicial considerou como códigos o “antirracismo” e o “ecossocialismo” e teve como unidades de análise os vídeos completos dos canais Tempero Drag (8 vídeos) e Tese Onze (17 vídeos) que contemplam essas temáticas. Considerados os vídeos publicados entre 2019 e 2022, observamos o conteúdo como um todo refletindo seus aspectos educacionais, bem como as

⁴ A lista de vídeos analisados está disponível em https://docs.google.com/document/d/1Wx_TVROGNZX-49dbzmJGoKvSnJe-O2E3WbkZIVugG4/edit?usp=sharing. Acesso em: 10 dez 2025.

informações acrescentadas na descrição dos vídeos e na indicação de seus possíveis complementos em blog⁵, no caso do canal Tese Onze. Reconhecemos a disparidade no volume de vídeos analisados, mas reforçamos que foram selecionados todos os vídeos disponíveis dentro da temática proposta, selecionados a partir de seus títulos. Tomamos como critério classificatório o conhecimento dos pesquisadores sobre o campo ambiental e antirracista (Bastos; Nascimento, 2020).

Desta forma, seguimos os pressupostos da Análise de Conteúdo propostos por Lycarião e Sampaio (2021) e, após a definição do código e a seleção das unidades, categorizamos este conteúdo – em tabulação simples – ao passo que fomos assistindo ao material, isto porque, ainda que os autores indiquem a necessidade de categorizar antes de realizar o levantamento, percebemos que em trabalhos que indicam ampla subjetividade, como na comunicação livre proposta pelo Youtube, caminhos inesperados podem ser assumidos por seus criadores.

Educação e Youtube

O *Youtube* enquanto espaço de mídia de uma cultura participativa torna possível o acesso e a propagação de conteúdos de diversos tipos, e que muitas das vezes são contestados em sua forma, conteúdo, legitimidade e principalmente conflitos com direitos autorais. Ainda que este último ponto não seja essencialmente relevante para nossas reflexões, percebemos junto a Burgess e Green (2009) que a cultura de propagação, estimulada pelo compartilhamento de materiais sem autorização – como clipes musicais e trechos de programas de televisão –, proporcionaram um boom para a plataforma nos anos 2007 e 2008, elevando a visibilidade de um site criado sem almejar o patamar que hoje ocupa no cenário mundial. Ao passo que se transformou de “Seu repositório de vídeos digitais” para o “*Broadcast Yourself*”⁶, o Youtube – já como parte do grupo Google, galgou espaços em uma comunicação até então restrita às grandes famílias que controlam a comunicação nos países ocidentais. O estímulo financeiro possibilitado pela amplitude de acessos aos vídeos e, conseqüentemente ao nível de publicidade, possibilitou que milhares de pessoas até então anônimas se tornassem referência em diversos temas. Burgess e Green (2009, p. 23) percebem que esse espaço de articulação e propagação do Youtube só foi possível graças ao trabalho de produção de conteúdo de indivíduos especializados, e não uma conquista apenas da empresa Youtube: “a cultura

⁵ Não analisamos especificamente todos os conteúdos indicados no blog, visto que representam uma referência bibliográfica das informações apresentadas nos vídeos, bem como complementos de leitura sobre o tema.

⁶ “Transmita-se”, em tradução livre.

participativa não é somente um artifício ou um adereço secundário; é, sem dúvida, seu principal negócio”.

A presença de indivíduos populares tão diversos na rede não foi bem-vista aos olhos dos paladinos da intelectualidade. Burgess e Green (2009) chegam a apresentar a postura de alguns intelectuais que observavam a atenção ao espaço como um desperdício. Mas o que se percebe na prática são as amplas possibilidades da rede, desde a utilização para o entretenimento informal, com vídeos que se aproximam da base da criação da rede, como um “repositório de vídeos online”, a meios de propagação do conhecimento disperso ao redor do globo. Seguindo este caminho, a prática do ensino na rede se expandiu ao longo dos anos, seja como espaço em que professores da educação básica apresentavam outras didáticas de ensino às disciplinas formais da grade curricular – como dicas de matemática, história, química etc. para vestibulandos –, bem antes das dinâmicas de ensino híbrido impostas pela pandemia de Covid-19, seja com a veiculação de palestras com intelectuais renomados.

Ainda que a educação online diga sobre fluxos não contínuos e planos de ensino orgânicos (Santaella, 2014), o que trazemos aqui não são plataformas de educação formal, mas espaços de conscientização e formação do indivíduo enquanto agente social. Sua busca por respostas frente à disputa hegemônica é respondida por vídeos roteirizados e gravados a partir da “ordem do dia”, mas ainda assim estruturados com objetivos de aprendizagem claros. Este modelo criativo se assemelha ao modelo de ensino sociocultural defendido por Freire (2020). Gomez (2004 *apud* Junges; Gatti, 2019, p. 117) vê o Youtube como um espaço positivo para a aprendizagem colaborativa nas mídias sociais. Para a autora, a plataforma possibilita “a construção de conhecimentos, estabelecimento de espaços colaborativos e a abordagem de assuntos que vão além do conhecimento em si e que passam por questões éticas e legais”.

O que entra em cena neste (já não tão) novo espaço de articulação é o papel do algoritmo como *gatekeeper* (Gillespie, 2018) e a intensificação do interesse geopolítico dos CEOs destas empresas. Elemento fundamental na organização do modelo de negócio plataformizado, como amplamente discutido por Helmond (2015), Van Dijck, Poell e Wall (2018) e tantas outras pesquisas no setor, como abordado em Nascimento (2025) e Bastos (2022a, 2022b). Destarte, estes intelectuais plataformizados, ao escolher disputar espaço nas novas mídias hegemônicas, estão “conscientes de que atuam sob a mediação dos algoritmos de plataforma (Gillespie, 2018), que organizam o agendamento temático das pautas cotidianas, e assim atualizam a função social de *gatekeeper* junto aos seus públicos” (Nascimento, 2025, p. 21).

Sobre educação sociocultural e crítica à hegemonia

Para Marx (1999 [1845], p. 8), “os filósofos não fizeram mais que interpretar o mundo de forma diferente; trata-se, porém, de modificá-lo” A Décima Primeira Tese de Feuerbach, lema que nomeia o canal Tese Onze, aponta para a necessidade de transformação do mundo que move a educação libertária, crítica e transformadora defendida por Freire (2020), uma educação que é também a base para as lutas democráticas e objeto dessas mesmas lutas. Gramsci (1999) se inspira em outra Tese de Feuerbach desenvolvida pelo filósofo prussiano para tratar da educação.

E se lutamos para não sermos esmagados pelos ambientes, lutamos para validar nossas experiências sociais, a fim de garantir as práticas e saberes que nos guiam na formação de nossas identidades, não só pela educação formal, mas principalmente por aquela que nos abastece mesmo sem que percebamos. Valores e crenças apreendidos pela experiência em sociedade, pelos espaços de sociabilidade e pelas ritualidades de que também nos fala Martin-Barbero (2004), que guiam a construção de um modelo de educação sociocultural, uma vez que refletem implicações contidas no cotidiano dos sujeitos.

No desenvolvimento deste estudo, abordamos as experiências comunicativas de Sabrina Fernandes, bacharel em economia pela St. Thomas University no Canadá, mestre em Economia Política e doutora em Sociologia pela Carleton University e diretora de pesquisa do Instituto Alameda; e Guilherme Terreri, graduado em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e também em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Estudos da Cultura e especialista em Literatura Inglesa.

Podemos classificar Sabrina e Guilherme como indivíduos acadêmicos com autoridade científica para propagar os temas que abordam em seus canais no Youtube. “O local do saber a partir do qual articulam suas reflexões situa-se não em meros achismos, mas a partir de um caminho crítico através do qual se formam enquanto sujeitos” (Nascimento, 2022, p. 2) e pensadores. É a partir desta construção da emancipação crítica individual que ambos articulam seus espaços como comunicadores. Fernandes e Terreri parecem, então, elaborar um caminho comunicativo que articula a reflexão de uma educação crítica ao estilo *Broadcast Yourself* que desejamos trazer aqui.

Daniel e Carvalho (2021) analisam como Rita Von Hunty – personagem pela qual Terreri se comunica no canal *Tempero Drag* – eleva os tópicos corriqueiros a aprofundamentos sociais condizentes com as formas

de luta contra hegemônica e da vida em sociedade.

Rita von Huntz traz à discussão tópicos do cotidiano, como Redes Sociais ou a forma do amor romântico no Ocidente – entre outros exemplos –, e a partir daí, de questões que a princípio poderiam parecer alheias à disputa e ao discurso político, a Drag apresenta didaticamente como tais temas não são apenas ‘visão de fundo’ (Freire, 1994), mas sim assuntos diretamente ligados ao sistema de dominação que todos nós, enquanto classe trabalhadora, estamos submetidos (Daniel; Carvalho, 2021, p. 5).

O que refletimos aqui toma como base as relações de ensino que contrastam os modelos tecnicistas norte-americanos com os valores de uma formação sociocultural valorizada por Freire (2020): a ideia de que a educação não pode ser coercitiva, negando os instintos e as percepções do próprio indivíduo, diferenciando instrução de educação. Na construção de uma educação crítica e humanista, os indivíduos educandos não exercem mera passividade, como apontam as implicações dogmáticas de um ensino jesuíta, que, formando as massas sociais, constrói experiências e sentidos que condicionam os indivíduos às normativas da velha e da nova burguesia, conformando o ser à sua realidade e impedindo as transformações populares.

A participação do homem como sujeito na sociedade, na cultura, na história, se faz na medida de sua conscientização, a qual implica a desmitificação. O opressor mitifica a realidade e o oprimido a capta de maneira mítica e não crítica. Daí a necessidade do trabalho humanizante ser inicialmente um trabalho de desmitificação, consistindo na conscientização num processo de tomada de consciência crítica de uma realidade que se desvela progressivamente. Os mitos ajudam a manter a realidade da estrutura dominante (Mizukami, 1986, p. 88).

Mizukami (1986) e Gramsci (1982 [1932]) parecem nos lembrar formas similares de controle da razão e manutenção das hegemonias pela educação tradicional, ao mesmo tempo em que deixam pistas de onde o problema do controle da razão deve ser sanado. Já em sua época, Gramsci percebia o quanto o modelo de educação não poderia estar distante das relações e percepções sociais cotidianas. Percepção também mirada por Paulo Freire em seus inúmeros trabalhos.

O que desejamos ainda hoje é nos distanciarmos da possibilidade de estabelecer um “tipo de sociedade [em que] o elemento coercitivo-educativo, como dimensão que não pode ser eliminada do processo educativo, esclarece-se pelo conceito de educação como luta contra os instintos para dominar a natureza” (Meta, 2017, p. 327), permitindo assim a ascensão de um modelo de educação que caminha lado a lado com as diversas realidades tangíveis de uma sociedade tão plural e não mais mecanicista e integradora, que visa a eliminar as diferenças que atuam em prol de um controle hegemônico da razão. Um controle que caminha lado a lado com o domínio da religião sobre os indivíduos das classes populares e da pequena burguesia e que historicamente se estabeleceu não só no ensino europeu, mas também no do

Brasil. Sendo superado apenas por um mal ainda maior, especialmente nas classes populares latino-americanas: o racismo e as dinâmicas de dominação de raça, bem como as políticas eugenistas que relegaram povos não brancos à coerção cultural pelo chicote e não pela educação formal.

A consciência individual da esmagadora maioria das crianças reflete relações civis e culturais ‘diversas e antagônicas às que são refletidas pelos programas escolares: o ‘certo’ de uma cultura evoluída torna-se ‘verdadeiro’ nos quadros de uma cultura fossilizada e anacrônica, não existe unidade entre escola e vida e, por isso, não existe unidade entre instrução e educação’ (Q 12, 2, 1.541-2 [CC, 2, 44]) (Meta, 2017, p. 326).

Para Freire (2020), a base de uma educação sociocultural-humanista está no diálogo aberto à realidade consciente das relações sociais, interpessoais e intrapessoais, com o mundo, a natureza e o espaço em que se desenvolvem as percepções do ser, enquanto a educação bancária nega esta mesma relação com as experiências coletivas e assemelha-se a práticas “necrófilas”, em que as percepções do mundo não podem ser vistas à luz de uma suspensão da cotidianidade (Heller, 2004), onde não há a possibilidade de encontrar vida junto às experiências sociais coletivas. Freire (2020, p. 90) percebe essa necrofilia como um espaço de amor à opressão; assim, “a opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida”. Esse amor à vida só se estabelece na educação quando os espaços de formação do educando-educador se articulam com o coletivo e com as experiências em sociedade, e a partir do momento em que a educação se permite ser mediatizada pelo mundo. Os espaços de interação e construção cognoscente da realidade atuam não como espaço isolado, mas que coletivamente são percebidos através de uma retroalimentação sensível do eu-educando com o eu-educador, seja ele quem for.

Através dela [uma compreensão cada vez mais crítica e menos alienada], que provoca novas compreensões de novos desafios, e que vão surgindo no processo da resposta, se vão reconhecendo, mais e mais, como compromisso. Assim é que se dá o reconhecimento que engaja. A educação como prática de liberdade, ao contrário daquela que é prática de dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens (Freire, 2020, p. 98).

Este engajamento das ações em coletivo e em sociedade são percebidas por Bastos (2023, p. 114) “como imprescindível[is] para o despertar da consciência política e constituição da vontade coletiva gramsciana, de um bloco teórico-prático, intelectual e moral, ético-político que supere o bloco histórico”. Sendo a hegemonia um sistema complexo, em constante renovação e reinvenção, sempre presente em qualquer sistema social, em qualquer tempo político e histórico, este despertar da consciência política é fundamental para que haja uma miríade de ações civis dispostas a despertar num todo social os espaços de luta contra-hegemônica, articulando experiências e sentidos para além dos espaços “de bolha” que

caracterizam tendências de luta de muitos movimentos sociais, evitando sua insularidade⁷. Em outra produção, Bastos (2022b, p. 56) relembra que, para Freire (1986), engajar é um “processo permanente de iluminação da realidade”, onde “os educadores devem ser militantes, no sentido político da palavra, compreendendo o termo como ativismo crítico”.

Ao nos aprofundarmos na observação dos posicionamentos políticos de Fernandes e Terreri, acreditamos que seu eu-educador pode atuar neste engajamento crítico da educação. O que desejamos aqui é observar seus conteúdos a fim de comprovar ou não nossa suposição. Para isso, consideramos dois temas fundamentais que demarcam posições de destaque na luta política e social de uma educação emancipatória: o antirracismo e o ecossocialismo, postos como bases para a transformação das diferenças sociais em amplos sentidos.

Davis (2017) é cirúrgica ao dizer que não há possibilidade de mudança social sem observar o caráter racial que diferencia os povos em suas necessidades e lutas, isto porque há diferenças culturais que dizem respeito a uma infinidade de coisas que importam mais para um grupo do que para outro. Enquanto mulheres brancas lutavam, por exemplo, pelo direito ao voto e ao trabalho fora de casa, mulheres negras ansiavam pelo conforto de um lar, por um amor antirracista e principalmente pela garantia do pão. Esta luta antirracista se faz fundamental, pois “não devemos supor que a autêntica solidariedade emanará automaticamente do reconhecimento do simples fato de que as mulheres de minorias étnicas são os seres humanos mais oprimidos de nossa sociedade” (Davis, 2017, p. 36).

Do mesmo modo, uma efetiva crítica ao capitalismo passa pela necessária luta ecossocialista, uma vez que é uma das bases fundamentais da alienação do trabalho e da fetichização da vida. Tal alienação por sua vez é responsável pelo distanciamento da visão social quanto à necessária preservação ambiental e o resgate e manutenção do equilíbrio climático. Löwy (2014, p. 19), inspirado por Bloch, observa a luta ecossocialista, de que é um dos principais representantes, como um meio de “‘construir um caminho novo, baseado na igualdade entre os seres humanos e em princípios ecológicos’. Um caminho novo, igualitário e ecológico, socializando as riquezas”, o único caminho possível para a mitigação dos efeitos do aquecimento global e a devastação ambiental.

7

Análise dos canais Tese Onze e Tempero Drag

Com o primeiro vídeo publicado em junho de 2017, o canal Tese Onze esteve ativo até agosto de 2023, quando Sabrina Fernandes encerrou o projeto por uma série de fatores descritos em Nascimento (2025), mas que envolvem tanto um olhar crítico sobre os frutos políticos e sociais de seus vídeos, mas especialmente sobre o desgaste emocional de lidar com as dinâmicas de criação de conteúdo digital. Em texto de sua Newsletter “The Econocene”, Fernandes (2025) disse:

Infelizmente, no capitalismo, não se corta o mal pela raiz e ele cresce e se torna uma grande floresta que suga nossa energia pessoal, vende nossos dados e consome cada vez mais energia elétrica também. Se o mundo inteiro tivesse imposto regulamentações a essas empresas logo no começo, talvez não teriam crescido tanto e se tornado tão hegemônicas (Fernandes, 2025, s/p).

Já o canal Tempero Drag segue ativo com 1,37 milhão de inscritos e 376 vídeos publicados. Assim, esta análise apresenta um quadro de coleta realizado em 2022, e que observou os vídeos publicados entre 2019 e 2022, selecionados a partir de seus títulos, buscando códigos que dialogassem com o antirracismo e o ecossocialismo. O que nos permitiu encontrar, no canal *Tese Onze*, 17 vídeos podem ser alocados nas seguintes categorias: 1) Agrotóxicos; 2) Insegurança Alimentar; 3) Racismo; 4) Greenwashing; 5) Política; 6) Meio Ambiente; 7) Mudança Climática; 8) Colonização Espacial; 9) Luta Social; 10) Imperialismo Ecológico; 11) Ecossocialismo; 12) Extrativismo; 13) Transição Energética e 14) Bem Viver. Sendo apenas Racismo, Meio Ambiente, Ecossocialismo, Extrativismo e Transição Energética com aparição em mais de um vídeo. Os vídeos alocados nas categorias 1, 2, 3, 5, 9 e 14 podem não só compor seus códigos iniciais, mas se relacionar com causas que, ainda que com origens aparentemente distintas, conectam-se no desenvolvimento social e atestam como o racismo é essencialmente implicado pela insegurança alimentar de milhares de brasileiros (Silva *et al*, 2022) ao mesmo tempo que o uso indiscriminado de agrotóxicos aumenta tal insegurança ao passo que dissemina doenças graves às populações que convivem com a intoxicação de tais pesticidas ou que consomem esses alimentos (Torres, 2019). Todos esses temas se conectam diretamente com a Luta Social e a necessidade de propagação das políticas de Bem Viver⁸. Neste mesmo caminho reflexivo podemos perceber que 4, 6, 7, 8, 10, 11, 12 e 13 são faces de uma mesma moeda que contrastam como o combate

⁸ O Buen Vivir representa as múltiplas realidades de vida experimentadas pelas comunidades indígenas das Américas. Sua prática não trata de experiências pré-definidas, mas de sentidos complexos e dinâmicos que se relacionam com as crenças de partilha do comum que envolvem suas comunidades. Solón (2019, p. 23) acredita que “toda tentativa de defini-lo de maneira absoluta o asfixia”.

constante pela sobrevivência planetária, e dialogam diretamente com os temas de pesquisa acadêmica observados por Fernandes. Todos os vídeos analisados no Tese Onze apresentam aprofundamento e amplo referencial teórico, não só ao longo do discurso, mas também na indicação – nas legendas – de uma aba do site onde os referenciais são categorizados por vídeos. Ao observar a densidade teórica do vídeo “Dicas de leitura em ecossocialismo | Recomendações 007”, onde o objetivo é efetivamente guiar o público no aprendizado, encontramos no guia em seu site 67 referenciais teóricos, que apresentam produções acadêmicas em diversos idiomas, pontuando quais conteúdos são mais aprofundados, e quais necessitam de certa base teórica marxista para sua efetiva compreensão, além de materiais em outros formatos didáticos e paradidáticos (Tese Onze, 2020). Apenas os vídeos que tratam de notícias relacionadas ao desmonte da Petrobras⁹ e o interesse bilionário na extração do lítio amazônico e uma entrevista com o indígena Cristian Wariu não apresentam referenciais teóricos.

Já nos vídeos do canal Tempero Drag, apresentado pela drag queen Rita Von Hunty – personagem elaborada por Guilherme Terreri –, encontramos categorias menos subdivididas, mas em nenhum momento um menor aprofundamento teórico ou falta de reflexão crítica. Nos oito vídeos analisados, Rita inicia apresentando ganchos cotidianos com acontecimentos recentes que se relacionam com o tema do vídeo, demonstrando sua ligação com as articulações sociais e como seu conteúdo educativo sociocultural dialoga com as experiências coletivas e subjetivas de seu público. A indicação dos referenciais teóricos utilizados, bem como outras indicações que complementam a apresentação dos temas, são apontados na descrição dos vídeos, não havendo outro espaço que complemente seu conteúdo.

Os vídeos no canal Tempero Drag apresentam uma maior variação temática, mas são poucos os vídeos (8) que se enquadram dentro dos códigos escolhidos para nossa análise. Terreri faz valer o recurso hipermediático possibilitado pela plataforma, ao indicar em sete dos vídeos analisados que o espectador complemente seu conhecimento sobre o tema acessando outros conteúdos do canal. Esse recurso também é utilizado por Fernandes, ainda que em uma proporção menor do que Terreri. Quanto às referências bibliográficas, no canal Tempero Drag, a exceção à indicação teórica está nos vídeos sobre o interesse histórico dos países de primeiro mundo na extração amazônica e a guerra às drogas – em que apresenta um debate social sob a luz da emergência dos acontecimentos cotidianos. Todos os outros seis vídeos têm ampla

⁹ No vídeo, Sabrina faz uso de referências diretas ao panorama político da Petrobras em 2021 e destaca seu papel fundamental na transição energética e redução das emissões de carbono.

reflexão crítica e teórica, apresentando teorias complexas da sociologia marxista como a base central de suas reflexões.

Considerando os códigos definidos para a análise – antirracismo e ecossocialismo –, percebemos que a educação crítica e de base sociocultural é preponderante na construção do roteiro dos vídeos analisados, e neste sentido podem ser considerados como espaços de formação que se assemelham às bases definidas por Freire (2020) e Gramsci (1999), ainda que com diversas limitações estabelecidas pela plataforma e por suas lógicas algorítmicas.

Algoritmos e plataformas: o engajamento do conteúdo crítico

Ao perceber como se estabelecem as dinâmicas algorítmicas nas plataformas, precisamos levar em consideração o local ocupado pelas diversas dinâmicas que implicam a produção de conteúdo digital que refletem sobre a política, e as condições em que colocam os conteúdos antirracistas e políticos, uma vez que grande parte dos criadores de conteúdo relatam constantemente uma queda inexplicável em seu alcance após compartilhar ou produzir este tipo de conteúdo. Ainda que não hajam pesquisas que demonstrem tal queda na entrega destes conteúdos e este seja um tema negado pela Meta¹⁰, podemos perceber tal queda na visualização do conteúdo político em nossas próprias redes.

Parte estruturante das *Big Five* (Van Dijck; Poell; Waal, 2018) – Alphabet, Google, Amazon, Meta, Apple, e Microsoft – possui redes comunicativas e representam conglomerados que não interferem integralmente na Sociedade Civil, seja nos processos legislativos de regulamentação midiática, seja na capilaridade de seus negócios. Já em 2018 (p. 17 - tradução nossa¹¹), Van Dijck, Poell e Waal alertavam: “O que estamos vendo nos diversos setores é que as Big Five estão acumulando poder tecnológico e econômico a partir da combinação de plataformas setoriais e infraestruturais”. A dinâmica da plataformação diz respeito justamente a organizações que se sobrepõem e encontram lacunas e brechas a serem preenchidas dentro do próprio sistema. Como argumenta Bastos (2022a), as plataformas digitais concentram e organizam em um ampliado aparelho hegemônico a expressão de todos os demais, dos diferentes domínios da atividade humana, que se sujeitam a sua lógica de operacionalização, à mediação algorítmica. O que caracteriza os aparelhos privados de hegemonia é sua materialidade própria, ao atuarem nas plataformas

¹⁰ Conglomerado responsável pelos serviços do Facebook, Instagram e Whatsapp.

¹¹ Texto original: “What we are seeing in the various sectors is that the Big Five are accumulating technological and economic power from the combination of sectoral and infrastructural platforms.”

digitais os demais aparelhos, incluindo os populares, estão em espaço privado que não lhes pertencem e precisam se sujeitar à sua funcionalidade.

Grohmann (2020) acredita que a comunicação pode atuar mais do que como um mero espaço de circulação do capital (efetivo e simbólico), pode atuar como espaço de agregação e fomento da luta social. Numa dinâmica política e social em que é fundamental circular o comum!

Isso quer dizer que a circulação incessante dos signos do capital é o próprio capital desses signos. É na circulação que ocorre a sedimentação de uma gramática do capital imposta a todos como única possibilidade de sobreviver no mundo. Isso mostra como a comunicação é um importante elo de todo um sistema de produção e circulação de sentidos e do capital. (Grohmann, 2020, p. 7)

O que Grohmann (2020) nos apresenta é como o espaço de interação digital coopta cada vez mais usuários comuns a desenvolverem seus serviços nos meios digitais, nesta dinâmica não basta apenas ser nutricionista ou confeitadora, é preciso ser criador de conteúdo de seus próprios nichos para captar cada vez mais pacientes e clientes, assim as plataformas se estabelecem como essenciais para a geração de renda.

Como espaço de construção e formulação do raciocínio crítico, os canais de cunho político e educacional, bem como seus perfis em redes sociais, enfrentam uma barreira clara na articulação política das *Big Five*, que já não encenam seu local de isenção, mas clarificam seus objetivos políticos na manutenção de suas hegemonias. É emblemático que em 10 de dezembro de 2025, após jornalistas serem retirados da Câmara dos Deputados, o sinal da TV Câmara ter sido cortado, nenhum dos perfis de políticos e intelectuais progressistas eram encontrados na barra de busca do Instagram, inclusive do presidente da República, Lula da Silva. Os espaços de veiculação dos conteúdos políticos, ambientais e sociais, como os produzidos por Terreri e Fernandes – bem como por diversos outros criadores de conteúdo do segmento –, sofrem com as ações diretas e indiretas da organização do capitalismo em torno das dinâmicas algorítmicas e de plataformização, tornando seus conteúdos mais difíceis de viralizar fora da bolha social em que se inserem. Para Gil (2020), a internet é um meio facilitador para a propagação de conteúdos que desagradam as mídias tradicionais hegemônicas, e funciona como um espaço fundamental para a propagação da comunicação popular e comunitária não territorializada (Nascimento, 2021). Mas esta visão desconsidera que as plataformas de mídias sociais também fazem parte de um processo ainda maior de hegemonia informacional, uma vez que possuem capilaridade e acumulam dados de quase todo o globo. Ainda que seja possível encontrar espaço discursivo livre de editoria nas mídias, não há, de fato, um espaço sociopolítico que permita com que a informação circule sem disputar espaço com informações falsas ou deturpadas que

se propagam com facilidade através da lógica sensacionalista com que os algoritmos regem suas funcionalidades.

O controle dos algoritmos e o domínio das ferramentas que sustentam esses grandes sistemas trazem uma consequência nefasta para cidadãos: o silêncio. Fora do domínio dessas plataformas ou dos ambientes altamente especializados em tecnologia, o público leigo pode até “gritar” suas opiniões e protestos nas redes, mas dificilmente serão “ouvidos” se não dominarem também os recursos algorítmicos. É evidente que há exceções protagonizadas por indivíduos que alcançam a capacidade da “viralização” de seus conteúdos transgressores em relação aos poderes hegemônicos. Mas este é um movimento muito distante de uma argumentação pública, racional e deliberada acerca dos interesses públicos que deveriam reger a política. (Gil, 2020, p. 187)

Considerações finais

Uma vez que o que desejamos aqui é perceber se os temas de fato são abordados pelos pesquisadores de forma aprofundada, referenciada e envolta em questões ligadas ao cotidiano de seus públicos, concluímos que os vídeos de ambos os canais possibilitam um encontro profundo com o saber, com as conexões possíveis entre a educação formal – limitada por seu formato –, humana e de amplo raciocínio crítico. A atuação destes canais demonstra preponderância ao tratar de temas relacionados à cidadania, sua disputa constante e como ambos os temas se costuram com a “educação como prática de liberdade” (Freire, 1967). Dentro de seus espaços bolha, Sabrina Fernandes e Guilherme Terreri contribuem para ações políticas necessárias.

O que nos parece claro aqui é a barreira transposta por eles ao difundir conteúdos tão densos de forma aberta nas mídias digitais. Sabrina e Guilherme não são os únicos a fazer este tipo de trabalho, também não são os primeiros e provavelmente não serão os últimos, mas representam um lugar de ampla difusão e apelo junto à juventude atenta aos movimentos sociais. Sua maneira de educar finca seus eixos comunicativos nas bases fundamentais propostas por Paulo Freire, esta mesma raiz e valor da educação é, muito provavelmente, reflexo da educação crítica e sociocultural que deve moldar as instituições de ensino superior em que ambos os *youtubers* se formaram.

Em síntese, o que propomos é que a atuação de Fernandes e Terreri, embora apresente características de influenciadores digitais, ultrapassa o local de mediadores simbólicos, seus discursos partem de articulações sociais e políticas que lhes definem como intelectuais plataformizados (Nascimento,

2025). Ou seja, dirigentes políticos, com características sistematizadas por Gramsci (2004), que dominam muito bem a lógica da criação de conteúdo e encontram nas mídias sociais espaços de propagação de suas ações políticas. De modo que o intelectual plataformizado concatena características de educadores, como devem ser os intelectuais, mediadores simbólicos e criadores de conteúdo digital.

Suas estratégias de comunicação e meios de veiculação permitem assim a prática de uma educação problematizadora. Freire (2020, p. 105) pontua que para uma “educação problematizadora, enquanto um fazer humanista e libertador, o importante está em que os homens submetidos à dominação lutem por sua emancipação”.

A apreensão do conteúdo pelo indivíduo cognoscente parece efetiva junto aos canais *Tempero Drag* e *Tese Onze*, isso porque, mais do que efetivamente utilizarem suas plataformas como espaços de veiculação de um modelo de educação em princípio tradicional – limitados por seu formato –, estão ligados a todas as ferramentas complementares de uma educação problematizadora e libertária. Seus exemplos, inserções imagéticas, recursos sonoros e visuais, e principalmente sua complementaridade teórica direcionam o espectador-educando a uma percepção da própria realidade. E mais do que isso, respondem a questionamentos já pungentes em seu público e a demandas não atendidas pela educação formal ou pela mídia televisiva.

Letycia Gomes Nascimento

Doutora e mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF) com bolsa CAPES, desenvolve pesquisa aplicada à área de comunicação cidadã e comunicação digital, hegemonia e intelectualidade. Docente em Publicidade e Propaganda no Centro Universitário La Salle Rio de Janeiro.

ORCID 0000-0002-3955-5316

letyciaanasc@gmail.com

Pablo Nabarrete Bastos

Professor no Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (PPGMC/UFF). Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Líder do Epoque, Grupo de Pesquisa em Economia Política da Comunicação e Hegemonia. Bolsista de Produtividade (PQ) do CNPq Nível C, Processo 310362/2025-3, Período 2025-2028. Jovem Pesquisador Fluminense da FAPERJ, Processo E-26/210.565/2025, período 2025-2028. Pesquisador Jovem Cientista do Nosso Estado (JCNE FAPERJ), período 2025-2028,

Processo E-26/204.280/2025.

ORCID 0000-0001-5981-9107

pablobastos@id.uff.br

Referências

BASTOS, P. N. Hegemonia e engajamento em contexto de midiaticização e plataformização. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. e6066, 2022a. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6066>. Acesso em: 3 ago. 2023.

BASTOS, Pablo N. Engajamento crítico e reflexivo: o nível político da competência crítica em mídia e informação (CCMI). In: Bezerra, Arthur C.; Schneider Marco (org.). **Competência crítica em informação: teoria, consciência e práxis**. Rio de Janeiro: IBICT, 2022b. – (Coleção PPGCI 50 anos).

BASTOS, Pablo Nabarrete. Comunicação, interação e engajamento: fronteiras epistemológicas e alcances políticos. **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 41., 2018, Joinville. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1095-1.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2025.

BASTOS, Pablo Nabarrete. Dialética da insularidade: Notas para compreensão da hegemonia popular. **Compolítica**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 99–120, 2023. Disponível em: <https://revista.compolitica.org/index.php/revista/article/view/561>. Acesso em: 2 out. 2024.

BASTOS, Pablo Nabarrete; NASCIMENTO, Letycia Gomes. Etnocomunicação ancestral e decolonial: uma análise sobre a webradio Yandê. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 33, p. 62-70, 2020.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **Youtube e a revolução digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009. Título original: Youtube and the digital Revolution.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **Youtube**: digital media and society series. Cambridge, UK; Medford, MA: Polity Press, 2018.

DANIEL, Bárbara; CARVALHO, Noel. A FIGURA DE RITA VON HUNTY, DA COMUNICAÇÃO VIRTUAL À PRÁXIS DA PEDAGOGIA CRÍTICA. **Anais XXIX Congresso de iniciação Científica da UNICAMP**, 2021. Disponível <<https://www.prp.unicamp.br/inscricao-congresso/resumos/2021P19088A36543O2843.pdf>> Acesso em: 10 ago 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo, 2017. Título original: Women, Culture & Politics.

FERNANDES, Sabrina. **Quem controla as suas redes sociais?** Substack (10 dez 2025). Disponível em: <https://substack.com/home/post/p-181251138>. Acesso em: 10 dez 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

G1, Redação. Usuários questionam 'sumiço' do perfil de Lula e de outros políticos na busca do Instagram. Fonte: **G1**. (10 dez 2025). Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2025/12/10/usuarios-questionam-sumico-do-perfil-de-lula-e-de-outros-politicos-na-busca-do-instagram.ghtml>. Acesso em 12 dez 2025.

GIL, P. Autocracia Digital: Crítica à Comunicação Algorítmica das Redes e das Organizações. *In*: FARIAS, L; LEMOS, E; REBECHI, C (Org.). **Opinião pública, comunicação e organizações: convergências e perspectivas contemporâneas** [recurso eletrônico]. São Paulo: Abrapcorp, 2020.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1982 [1932].

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere** volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

GROHMANN, Rafael. A Comunicação na Circulação do Capital em Contexto de Plataformização. *In*: **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, maio 2020.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo/Rio de Janeiro: Ed. Paz & Terra, 2016 [1929].

JUNGES, Débora; GATTI, Amanda. Estado da arte sobre o youtube na educação. **Informação em Cultura**, Mossoró, v.1, n.2, p. 113-131, jul-dez, 2019.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARX, Karl. **Teses sobre Feurbach**. Ed. Ridendo Castigat Mores, 1999 [1845].

META, Chiara. Educação. *In*: LIGUORI, Guido; VOZA Pasquale (Org.). **Dicionário gramsciano 1926-1937**. São Paulo: Boitempo, 2017.

MIZUKAMI, Maria da Graça. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MOLITERNO, Eco. Qual o segredo do sucesso no Youtube? (fev.2017). **Think with Google**. Disponível em: www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/atificació-de-marketing/atif/qual-o-segredo-do-sucesso-no-youtube/. Acesso em 15 out 2022.

NASCIMENTO, Letycia. **Etnocomunicação indígena como prática de liberdade decolonialista e ancestral**. Curitiba: Appris, 2021.

NASCIMENTO, Letycia. Intelectual Plataformizado: entre a práxis dirigente e as dinâmicas de criação de conteúdo digital. 2025. 583 p. Tese (Doutorado em Mídia e Cotidiano) - Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2025.

NASCIMENTO, Letycia. Youtube como ferramenta de educação política e cultural: aprofundamento e referencial nos canais Tese Onze e Tempero Drag. **ANAIS (...)** XVI Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã/Mídia Cidadã. 2022. Disponível em <https://abpcom.com.br/wp-content/uploads/2022/11/nascimento-youtube-como-ferramenta-de-educacao-politica-e-cultural-aprofundamento-e-referencial-nos-canais-tese-onze-e-tempero-drag.pdf>. Acesso em 5 nov. 2022.

ORTIZ, Renato. Influenciadores, intelectuais, mediadores simbólicos. **RuMoRes** [S. l.], v. 16, n. 31, p. 279-289, 2022. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2022.200396. Disponível em: www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/200396. Acesso em: 22 nov. 2022.

Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2024 [livro eletrônico] / [editor] Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2025.

SAMMUR, Jullie Tenório Ed Din; CORTEZ, Pedro Afonso; PAGANOTTI, Ivan. Profissão Youtuber: Consequências Sociais e Precarização do Trabalho em Comunicação Social. **Novos Olhares**. v. 11, n. 1, p. 40-53, jan-jun, 2022.

SAMPAIO, Rafael. LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.

SANTAELLA, Lúcia. A aprendizagem ubíqua na educação aberta. In: SANTAELLA, L. **Tempos e espaços em educação**. São Cristóvão, v. 7, n. 14, p. 15-22, set.-dez., 2014.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia**: O cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SILVA, Silvana *et all*. A cor e o sexo da fome: análise da insegurança alimentar sob o olhar da interseccionalidade. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 38, n. 7, jul. 2022.

TESE ONZE. Materiais para conhecer sobre ecossocialismo. (12 maio 2020). Disponível em: <https://teseonze.com.br/indicacoes/introecossocialismo/>. Acesso em 16 ago 2022.

TORRES, Raquel. Agrotóxicos e autismo: relação demonstrada. (25 mar 2019). In: **Instituto Humanitas UNISINOS**. Disponível em: www.ihu.unisinos.br/categorias/587756-agrotoxicos-e-autismo-relacao-demonstrada. Acesso em 8 nov. 2022.

VAN DIJCK, J; POELL, T; WAAL, M. **The Platform Society**: public Values in a connective World. New York: Oxford University Press, 2018.

Recebido em: 11 de julho de 2025.

Aprovado em: 20 de fevereiro de 2026.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v26.ed59.2026.335>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), v. 26, n. 59, p. 239-258, maio/ago. 2026